

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Liberal

Class.: Waiãpi 73

Data: 05/10/93

Pg.: \_\_\_\_\_

# Waiãpi: felizes até quando?

MANUEL DUTRA

Ao contrário de quase todos os índios da Amazônia brasileira, os Waiãpi ainda vivem felizes em sua reserva de 543 mil hectares, no centro-oeste do Amapá, a 290 quilômetros de Macapá. Homens e mulheres saudáveis, eles mostram-se alegres e receptivos aos visitantes, com os quais conversam animadamente, a maioria falando um português arrastado, alguns precisando de intérprete. Suas terras de mata virgem fornecem caça abundante e escondem rios e lagos de rara beleza, ricos em peixes. O porte físico desses descendentes do tronco Tupi-Guarany revela boa alimentação e vida em harmonia com a natureza.

Ha 19 anos, quando foram contatados pela Funai, a situação era bem diferente. Perseguidos por garimpeiros na localidade de Karavovoo, estavam doentes de sarampo, diarreia e malária, a caminho da extinção. Em 1974 eram apenas 71 indivíduos. Hoje já somam 396, dispostos a preservar seu Eíden a qualquer preço. "Nós não somos de briga, mas se garimpeiro aparecer aqui, ó!", afirma o cacique Kumai, da aldeia Aramirã, mostrando seu pesado caparô, um porrete que ele diz ser mais eficaz do que uma cartucheira -- arma, aliás, abundante entre eles.

Hoje a reserva, que é cortada pela inacabada Perimetral Norte, está por enquanto a salvo de invasões -- não há garimpeiros nem madeireiros nessa fronteira ainda relativamente distante da cobra e das agressões ambientais, que desgraçam a vida de índios e caboclos em incontáveis pontos da Amazônia. Os Waiãpi encontram-se tão animados com seu futuro que desencadeiam uma verdadeira maratona de aumento populacional. Isso pode ser observado facilmente logo na chegada à aldeia Aramirã, uma das 17 existentes na reserva: dezenas de mulheres, a maioria muito jovem, perambulam com filhos no colo. São comuns os casamentos entre adolescentes.



*Desejo de crescer como povo: na tribo, muitos desses adolescentes já são pais e é comum ver jovens grávidas e com filhos no colo*

### Dois filhos por ano

"Queremos Waiãpi muito pra segurar essas terras", anima-se o cacique Kumai, cujos pais morreram no final da década de 60 com doenças transmitidas por brancos. O funcionário do posto da Funai, Militinho Mendes, há 9 anos na reserva, afirma que, se os índios pudessem, suas mulheres teriam dois filhos por ano, tanto é o desejo de crescerem como povo. Na terça-feira passada nasceu o mais novo integrante desse grupo que, mesmo em contato com o branco há quase duas décadas, é um exemplo de que o índio pode viver dignamente.

Depois que conseguiram livrar-se de um grupo de garimpeiros, em 1990, quando queimaram casas e um avião dos intrusos, eles defrontam-se agora com graves ameaças. Há 15 dias corre em Macapá o boato de que milhares de garimpeiros desempregados estariam sendo organizados, por empresários de garimpo, para consumir uma invasão à

área dos Waiãpi, depois que, esportivamente, pessoas interessadas reavivaram o antigo mito de que aquelas terras são ricas em ouro e diamantes. Os próprios índios praticam a garimpagem, com uma equipe de 14 homens, na região do rio Aimã. Cada um retira cerca de 20 gramas por mês e vende a produção em Macapá basicamente para comprar munição para suas espingardas, peças de pano vermelho com o qual substituem a tradicional tanga, e micangas.

"Índio não precisa muito ouro, nem compra comida com dinheiro de ouro; temos comida aqui", orgulha-se Kumaré, 32 anos, casado, cinco filhos. Ele acrescenta que quer o garimpo assim mesmo, produzindo pouco, sem sujar o rio, "para nossos filhos e nossos netos". Aliás, a ação dos garimpeiros, além de degradar a natureza, fere um mito sagrado dos Waiãpi. É que as águas, para eles, encerram mistérios que não podem ser desrespeitados. Água limpa faz parte de sua mitologia.



# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Liberal

Class.: Waiápi 73

Data: 05/10/93

Pg.: \_\_\_\_\_

### Pressões para evitar a demarcação

Pressões de políticos amapaenses, empresários da garimpagem e de empresas mineradoras não têm faltado sobre a reserva dos Waiápi, a única ainda não demarcada das quatro existentes no Estado. A proximidade da revisão constitucional esquentou a polêmica entre os índios e os grupos interessados na redução do tamanho de sua área. Mas os Waiápi têm aliados brancos, que se empenham em ajudá-los contra as crescentes investidas. Um deles é o chefe da Funai no Amapá, Antônio Pereira Neto, que espera iniciar a demarcação da reserva ainda este mês, graças aos US\$ 350 mil liberados pelo banco alemão KFW.

Para fugir da burocracia federal, o dinheiro está sendo repassado a uma agência de cooperação da Alemanha, que fará a doação ao Centro de Trabalho Indígena (CTI), de São Paulo, que, por sua vez, entregará a verba à Funai, a título de doação. A Funai se encarregará dos serviços técnicos, mas a demarcação será realizada pelos próprios índios. Com a ajuda de seus parentes Galibi, Paliku e Caripuna, da região do Oiapoque, eles abrirão as picadas na mata e colocarão marcos a cada dois mil metros. A luta não é de hoje e uma comissão de líderes Waiápi já esteve em Brasília, exigindo a demarcação.

#### Ataques

O trabalho deverá ser rápido, devido às ameaças que pairam sobre a reserva, a mais recen-

te protagonizada pela prefeita Socorro Pelaes (PFL), do Município de Amapari, que se limita com as terras dos Waiápi. Falando em nome de grupos interessados no retalhamento da reserva, ela lançou ataques públicos a Antônio Pereira Neto, chefe local da Funai e um dos mais respeitados sertanistas brasileiros, apelando para o surrado refrão de que ele estaria a serviço de forças interessadas na internacionalização da Amazônia. A prefeita chegou ao cúmulo de ir ao Ministério da

Justiça, no dia 24 de setembro, pedir a exoneração do sertanista.

Socorro Pelaes atacou também a antropóloga Dominique Gallois, da Universidade de São Paulo, que desde 1978 dedica-se a estudar a cultura dos Waiápi e a desenvolver ações para protegê-los, com a ajuda de outros profissionais e entidades não governamentais. Basicamente, o trabalho de Dominique visa à diversificação das atividades extrativistas, no campo vegetal e mineral. Por exemplo, ensinando os índios a

extrair a copaiba sem matar a árvore, ou praticar a garimpagem limpa, sem despejar barro nos rios e sem usar mercúrio. É uma tentativa de encontrar o Lomíniú útil da reserva, com vistas à sua independência econômica.

Na tentativa de desmoralizar a antropóloga, a prefeita de Amapari, que evita falar com jornalistas, chegou a dizer que Dominique se beneficia do ouro e dos diamantes dos índios. Diamante, aliás, que aparentemente só existe na imaginação da prefeita e na maquinação de grupos interessados sobretudo no potencial madeireiro da reserva.

Gastando seu tempo em investir contra os Waiápi, a prefeita Socorro Pelaes esquece-se de seu Município. A relação entre os colonos e os índios é boa e, com frequência, os brancos de Amapari procuram o posto médico existente na aldeia Aramirã, em busca de remédios, sendo bem recebidos pelos índios. Não há registro de atritos entre os Waiápi e os vizinhos brancos.

A rede de intrigas parte de políticos e empresários de garimpo de Macapá. Uma chamada CPI da Ecologia foi formada na Assembleia Legislativa do Amapá, mas seus resultados não são diferentes de tantas outras CPI's instaladas pelo Brasil afora. De concreto restou uma promessa dos deputados da Comissão, numa visita à reserva, de que nenhum garimpeiro entraria nas

terras dos índios.

Mais que os brancos que depuseram na CPI, os índios foram incisivos. "Entre nós, quem mente se esconde; a prefeita é mentirosa, por isso não veio repetir na nossa frente as mentiras que disse para os jornais", desabafou o cacique Waiwai, da aldeia Marifé, à saída da Assembleia Legislativa, aonde Socorro Pelaes não foi para a requerida acareação com os índios.

#### Perseguidos

Para o chefe do escritório da Funai em Macapá, Antônio Pereira Neto, existe pouca dúvida de que os Waiápi chegaram ao Amapá atravessando o rio Amázonas, das proximidades da embocadura do Xingu, acossados por perseguições de brancos, nos séculos 17 e 18. Possivelmente as perseguições foram de tal monta que muitos pararam além do Oiapoque, distante cerca de 100 quilômetros da parte mais ao norte da atual reserva.

A Funai tem informações de que os Waiápi hoje existentes no território da Guiana Francesa levam vida diferente dos irmãos brasileiros. Do lado de lá, o governo francês não permite a criação de reservas indígenas e eles são obrigados a viver como "cidadãos" de segunda classe. Embora haja bons equipamentos de saúde pública, muitos encontram-se em choque cultural e doentes.



O cacique Kumai promete que vai enfrentar os garimpeiros